

## Os gatos de Éfeso

Os gatos de Éfeso repousam, sereníssimos, nas ruínas do pequeno templo de Adriano. Nada sabem de mármore, de impérios, ou da sagrada loucura de Saulo de Tarso, cujas palavras fundaram o cristianismo. Sentem apenas a quentura vespertina da pedra que os acolhe, e assistem, indiferentes, à intrusão infiel dos turistas apressados, movidos pela ânsia de parar o tempo numa fotografia. Não sei se o imperador acreditou, em algum momento de distração, na perenidade do mármore honorífico. É verdade que plantou marmóreas estátuas, com a vontade, também ele, de parar o tempo. Mas não eram dele; eram de Antínoo, seu verdadeiro império de carne perecível. Ao favorito do imperador chamou Fernando Pessoa «a kitten playing with lust». É desse gatinho, nascido na Bitínia, nas margens do Mar Negro, que eu me recordo, ao contemplar a sábia preguiça dos gatos de Éfeso. Adoradores infaustos transformaram em deus o rapaz bitíneo, rendidos à paixão, exposta em sacrifício nas águas do Nilo. Mas Saulo, em Damasco feito Paulo, trouxera a Éfeso o inquietante martírio da cruz. E o novo deus, adolescente e suicida, foi derrotado pelo verbo em maiúsculas escrito. Era só o logos, a razão e o desejo de ser mais. Mas isso bastou. Apenas os gatos, porque não sabem teologia, podem repousar nas ruínas de Éfeso.

## Inventário de prazeres

A frescura caridosa das manhãs de outono  
O sorriso doce em olhares desconhecidos  
Pássaro ou flor de súbito no meu caminho  
Um adjetivo de Eça ou um verbo de Pessoa  
O rapaz sozinho no café quotidiano e matinal  
A casa em silêncio e sem gente ao telemóvel  
A infância indicando o destino com leveza  
A vontade de caminhar para dentro de mim  
O passado desenhando o momento  
O porvir já sabido na paz construindo-se  
O sonho de acordar com a voz de deus

## Ato de contrição

Da vida vivida pela metade,  
em tom menor somando horas  
a dias sem razão,  
te darei conta, porque  
me criaste ágil e sem lei.

Pelas palavras poupadas,  
à procura do conforto  
no silêncio mais traidor,  
te pedirei perdão,  
porque me quiseste gládio  
do verbo em fogo  
e sem medida.

No deserto em que me vês,  
sem solo fértil  
à semente que me deste,  
te perguntarei porquê.

### NOTA BIOGRÁFICA

António Manuel Ferreira é professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Aveiro. Organizou a edição das Obras Completas de Branquinho da Fonseca, publicadas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 2010, em defluência da sua tese de doutoramento, igualmente editada pela Imprensa Nacional, em 2004: *Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*. Fundou e dirige a revista *forma breve*. Em 2012, publicou o livro de ensaios *Sinais de Cinza: Estudos de Literatura* (Guimarães, Opera Omnia).